



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA
I FAZENDO ARTE NORTE

**LIBERDADE ATRÁS DAS GRADES:
UM ESTUDO SOBRE A IGREJA CARCERÁRIA
DE PARINTINS (AM)**

GT 4: PENTECOSTALISMOS NAS PERIFERIAS...

Alain Martins Pereira¹

¹ Acadêmico do curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do Programa de Apoio a Iniciação Científica (PAIC-FAPEAM). E-mail: alain_mpereira@hotmail.com.

Introdução

A relação entre religião o sistema prisional brasileiro vem ganhando destaque ao longo dos últimos anos, tanto nas academias que tem produzido uma diversidade de estudos sobre a temática, e os meios midiáticos que com recorrência destacam o papel das lideranças evangélicas dentro das prisões. Para Antônio Carlos da Rosa Silva Junior (2015) “O ambiente prisional, o qual vigoram normas próprias, apresenta uma nova oportunidade de estudos e entrelaçamentos com perspectivas acadêmicas”. Parintins, embora ainda muito marcado pela força institucional do catolicismo. No entanto, merece destaque no cenário atual o crescimento explosivo dos evangélicos, que aos poucos ocupam espaços antes reservados aos católicos, inclusive na assistência a parcela mais carente da população.

A Unidade Prisional de Parintins (UPPIN) é uma das oito instituições carcerária do interior do Estado do Amazonas, é administrado pela Secretaria de Assuntos Penitenciários (SEAP), e foi adaptado de delegacia para presídio no ano de 2003. Possui capacidade para abrigar 36 detentos - 32 homens e 4 mulheres. Funciona nos sistemas - fechado, aberto, semiaberto e provisório. Sua estrutura interna é composta por 4 pavilhões, três salas administrativas, uma cozinha interna, e pequenos espaços improvisados para práticas esportivas.

No presídio parintinense, é possível encontrar várias manifestações religiosas. Uma delas é a Igreja evangélica Carcerária, movimento formados por detentos e fundada no ano de 2001 por ex-presidiário. Seu templo é um espaço adaptado no pátio entre os muros e as celas. Sua missão, é oferecer ajuda espiritual aos encarcerados – evangelizar, promover estudos bíblicos e a ressocialização dos presos para pagarem suas penas e reencontrarem seus lugares na sociedade juntamente com o apoio da família.

Em agosto de 2016, desenvolvi um estudo etnográfico com esse grupo com o objetivo e dar visibilidade as manifestações religiosas na instituição prisional, por exemplo, - experiências de conversão de detentos e ex-detentos, a formação do movimento dentro do presídio, e a trajetória do pastor fundador. Utilizei como método a “observação” que de acordo com Marina Marconi e Eva Lakatos (2003, p.190), “ajuda o pesquisador a identificar e obter provas a respeito dos objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos papéis observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social”. E uma descrição densa, de acordo com Clifford Geertz (2008). Além da ampla literatura como apoio bibliográfico, que tratam de estudos homogêneos produzidos em programas

de pós-graduação de outras regiões do Brasil. No início da pesquisa, a Unidade Prisional abrigava 199 detentos (182 homens e 17 mulheres)². Quando finalizei o estudo, a população carcerária era de 192 reclusos (178 Homens e 14 Mulheres). As visitas realizaram-se na companhia do pastor, geralmente nos dias de cultos, e, em alguns encontros, pude registrar o movimento através de máquina fotográfica e gravador de áudio. Já os encontros com ex-detentos, deram-se em dias específicos, também na companhia do pastor da Igreja Carcerária, pois estes ainda mantêm relações com o presídio - são convidados testemunhar nos cultos sobre o que Deus fez em suas vidas.

Nas linhas que se segue, faço menção das primeiras investidas sobre estudos voltados para as religiões nos presídios. Em seguida, apresento a formação da Igreja carcerária e sua atuação na unidade prisional de Parintins, e por fim, contextualizo experiências de conversão de detentos ex-detentos que participaram da igreja carcerária. Pois bem.

A presença das igrejas nos presídios

As primeiras percepções sobre a religiosidade nos presídios brasileiros deram-se através de Marina Oliveira “A religião nos presídios” (1978), que investigou juntamente com uma equipe criada pela secretaria de Justiça do estado de São Paulo, assistências religiosas e sociais em instituições carcerárias paulistas. Para Marina, “É de fundamental importância dar-se ao presidiário condições de expressar sua religiosidade ou de se conscientizar de que ela existe através da liberdade de culto, propiciando-lhe o exercício do direito de opção por uma religião com a qual se identifique” (OLIVEIRA, 1978, p. 57). Assim, “A conversão religiosa no ambiente prisional é um tema que, aos poucos, ganhou visibilidade e chama atenção pela curiosidade que desperta, principalmente em se tratando de presidiários” (LOBO, 2005, p. 73). Antônio Carlos da Rosa Silva Junior (2015) destaca que, essa descoberta mais ou menos recente tem a ver com uma série de fatores. O primeiro deles é que “antes da redemocratização do país, em 1988 poucos se conhecia e investigava sobre os meandros dos locais destinados ao cumprimento das penas no Brasil”. Outros dois aspectos que merecem ser observados são as multiplicações das Igrejas evangélicas a partir dos anos 1990, e o expressivo crescimento das lideranças carismáticas no interior dessas denominações, muitas delas apresentando fortes testemunhos de conversão e vida pregressa no mundo do crime. Desta maneira, “configurou-se nas prisões um campo religioso, marcado pela atuação de representantes de diversas igrejas evangélicas que escolheram os presídios como espaço privilegiado para a re-

² As informações sobre a população carcerária foram fornecidas pela administração da Unidade Prisional.

produção de suas crenças” (LOBO, 2005b, p. 75). De modo geral, o ímpeto da missão das igrejas evangélica se deu em seus momentos iniciais entre a população de mais baixa renda, carente de novas formas de sociabilidade religiosa (mais próximas e efusivas), e de uma teologia que legitimasse a ideia de uma possível prosperidade material e espiritual alcançada, ao mesmo tempo, pela graça de Deus. Como aponta Edileuza Santana Lobo (2005), por esse motivo o pentecostalismo foi rapidamente difundido nas prisões, onde o cotidiano de violências físicas e simbólicas emolduradas condições precárias de vida.

Com a entrada das igrejas pentecostais nas prisões, duas novas ideias parecem se estruturar – santificação e salvação de vida de homens e mulheres presos pela força da palavra bíblica e a estruturação de um cotidiano religioso, articulados pela conjuração de pastores que vêm de fora (para visitas e pregações) e de obreiros que mantêm atividades religiosas constantes dentro das unidades prisionais. Quer pelos suprimentos das “necessidades materiais dos internos” ou pela boa conduta dos novos fiéis, a liderança evangélica tem acabado por constituir “uma parcela informal com os diretores” e agentes penitenciários (LOBO, 2005b, p. 74), até mesmo ocupando, as vezes o lugar do estado nas assistências sociais.

Igreja Carcerária e os prisioneiros do Evangelho

A Igreja Carcerária faz do presídio de Parintins uma terra fértil para semear as boas novas do Reino de Deus. Transforma bodes em ovelhas. Seu grito de guerra é:

Pai nosso que estás no céu.
O senhor é meu pastor e nada me faltará.
O senhor é meu pastor e nada me faltará.
Aleluia, Aleluia, gloria Deus, gloria a Deus.

Ela mantém suas atividades sobre o controle do pastor que conduz o rebanho sobre constante vigilância a qualquer investida do inimigo. A igreja surgiu há 16 anos através de um ex-detento – Lucas de Jesus como é conhecido. Em sua biografia, consta uma tentativa de homicídio que lhe custou dois anos de prisão. No presídio, Lucas se destacou-se ao participar das reuniões promovidas pela Igreja Assembleia de Deus dos Gideões missionários, e se reconciliou³. Para

³ A reconciliação é um termo muito usado nas denominações evangélicas. Por exemplo, é quando o fiéu volta a fazer parte da igreja. Isso acontece, por conta de uma falta (pecado), que o manteve afastado. As igrejas sempre estiveram dispostas a perdoar, e ajudar em qualquer circunstância, para elas, isso é uma demonstração de arrependimento.

promover as reuniões, ele improvisava um pequeno espaço entre os muros e as celas, e fazia convite para os demais detentos a participarem dos encontros. Assim, Lucas adquiriu respeito dos presos. Seu perfil, sempre foi de um homem temente a Deus, diferenciando-se pelo seu traje e modo de falar (características dos crentes pentecostais)⁴ muita das vezes, ficava em constante oração tendo a bíblia como sua principal companhia, usava a maior parte do tempo no presídio para evangelizar seus companheiros de sela. “Os evangélicos são facilmente distinguíveis dentro da cadeia, seja por sua aparência, seja pelo seu “retraimento” [...] Procuram se separar dos demais para demonstrar a todos – funcionários, presos, pesquisador, família, etc. – a mudança radical que aconteceu em sua vida” (DIAS, 2007, p. 225). Lucas adquiriu confiança e respeito dos detentos, e tornou-se o principal conselheiro espiritual do presídio. Pouco tempo depois, as denominações evangélicas que prestavam assistência na unidade prisional conferiram-lhe o ofício de pastor interno dos presos convertidos. Alessandro Bicca (2005, p.96), ao estudar a honra na relação entre detentos crentes e não crentes em um determinado presídio no Sul do País argumenta que “a honra é adquirida, entre os detentos crentes e não crentes, com o tempo, e em uma relação pessoal, onde a conduta é constantemente avaliada”. Já para Camila Nunes Dias,

o discurso religioso ressignifica a trajetória biográfica do indivíduo, dando novas cores e novos sentidos ao seu passado, presente e futuro; o trabalho e, junto com ele a educação passam a ser visto como vias de retorno à legitimidade social; e, por fim os laços familiares – em conjunto mantido com o grupo religioso – são alçados a categoria de ponto de apoio fundamental para a manutenção dessa identidade baseada nos preceitos evangélicos (2005, p. 42).

Após cumprir sua pena, Lucas não abandonou as atividades da igreja carcerária, esteve sempre à frente. Nos dias atuais, ele trabalha como autônomo, e sempre ajuda os fiéis detentos com parte de sua renda, arrecada utensílios de higiene pessoal - sabonete, creme de axilas, barbeador, creme dental, papel higiênico, remédios, e roupas de doações. O pastor é bastante conhecido na cidade pelo trabalho social e religioso que desenvolve no presídio, vive em constante busca de assistência para suas ovelhas. Todas as ações voltadas para a religiosidade na Unidade Prisional de Parintins são de responsabilidade da Igreja Carcerária. Suas atividades, são compactuadas com

⁴ Aqui refiro-me sobre algumas características dos crentes pentecostais, geralmente estão vestidos de calça e camisa de mangas compridas, apresentam mudança no modo de falar, principalmente as frases - “aleluia, glória a Deus”, além de cumprimentarem-se com a aperto de mãos “a paz do senhor”; e nas refeições, costumam fazer orações.

a administração do Presídio, principalmente na elaboração de cronogramas relacionados a eventos e cultos das demais igrejas evangélicas, além de datas comemorativas para os detentos – dia das mães, dos pais, dia das crianças, natal do preso de justiça e etc.

Para o pastor Lucas, prevalece a “organização religiosa interna”, a igreja juntamente com a administração da unidade prisional elaborou o seu próprio estatuto, com regras para as reuniões, e que, orientam também as denominações evangélicas que prestam assistência no presídio. Quanto as regras – as igrejas devem respeitar os horários de cultos, uma exigência da administração do presídio; é proibido indagar a vida dos presos de justiça; todos são iguais, e os líderes evangélicos quando vão ao presídio devem submeter-se as revistas na entrada; é proibido a entrada de qualquer aparelho de comunicação; é proibido nos horários de cultos se deslocar para as selas, ter qualquer tipo contato com os presos, e ainda:

7. É expressamente proibido para o (a) irmão seja evangélico, católico, espírita, testemunha de Jeová, Adventista do Sétimo dia, religião de matriz africana ou outras, promover discussão que possa causar desavenças entre irmão (s) interno.

Exemplo: desavenças sobre crenças e dogmas.

8. A Igreja Carcerária não faz distinção de qualquer movimento religioso na Unidade Prisional de Parintins. Devemos verificar se estamos levando a frente nossa missão: resgatar vidas através do exercício da fé, promover sociabilidade através de reuniões e estudos bíblicos, devolver a sociedade um varão convertido ao Senhor Jesus (Estatuto da Igreja Carcerária, 2005).

Para o diretor do Presídio, o movimento religioso na unidade local tornou-se organizado, e tem contribuído para o bom “comportamento” dos presos. “Os classificados como criminosos irrecuperáveis são, na realidade, indivíduos submersos no próprio desespero, ignorantes de sua condição e do fato de que há, sempre uma possibilidade de mudança, quaisquer que sejam os momentos vividos e o caminho percorrido” (OLIVEIRA, 1978, p. 33).

Quando assumiu a igreja Carcerária, o Pastor Lucas contara com um pequeno rebanho, relembra que foi “difícil vigia-las noite e dia contra as ciladas do inimigo”. Porém, quando as reuniões passaram a ser promovidas com frequências aos finais de semana, “foi que o negócio mesmo foi dando certo, e aos poucos, as ovelhas frutificaram”, ainda nas palavras do pastor - “no presídio, eu sempre tenho um tom de voz que é pra conduzir o rebanho, e a outra é para espantar os lobos, foi com muito sacrifício que conseguimos se organizar mesmo, ganhamos muitos presos pra Jesus lá dentro”.

Uma das estratégias da Igreja carcerária, foi fazer convite para outras instituições evangélicas de fora. O método, diz o pastor, foi para os fiéis “se sentirem mais motivados, e deu certo mesmo”. Para as igrejas evangélicas, o movimento religioso interno havia se organizado, e passaram a fazer doações de – caixa de som, pandeiro, violão, bíblias, e livretos com estudos bíblicos. Lucas destaca com êxito a parceria, e as práticas de caridade das igrejas – “isso foi bênçãos de Deus; nós nunca exigimos dos irmãos dízimos e ofertas, tudo o que nós temos veio de fora doado pelos irmãos que sempre ajudaram o trabalho desenvolvido pela igreja carcerária. Graças a Deus. Isso foi uma coisa de Deus mesmo”.

Ao relembrar de uma década e meia dedicadas ao evangelismo no presídio, o pastor o pastor da igreja carcerária menciona momentos de Tribulações e conquistas que presenciou no aprisco – “Me deu vontade de largar tudo sabe? Foi muita luta mesmo, mas Senhor Jesus me deu forças para continuar a obra que ele deixou nas minhas mãos. Aconselhar criminoso não é fácil”. Todavia, a administração do presídio percebera que havia a necessidade de um espaço mais amplo para as práticas religiosas, e disponibilizou uma área no pátio do presídio para as reuniões. A intenção foi proporcionar melhor comodidade aos detentos para exercerem o ofício da fé. Para o pastor Lucas, isso foi resposta das orações da igreja:

Deus abençoou agente na construção do nosso templo, um espaço maior lá dentro no pátio que a administração disponibilizou, pedimos isso do Senhor nas orações. O material de construção, telhas, cimento pro piso, madeira pra cobertura foi tudo doado de alguns irmãos de igrejas de fora, e os próprios fieis detentos trabalharam na cobertura. Melhorou muito agora. Todo mundo fica sentado na hora do culto. Gloria a Deus! (Pastor Lucas de Jesus, Jan/2017).

Com o espaço mais amplo, os estudos bíblicos podem ser promovidos no templo, e, a igreja carcerária possui um grupo interno responsável pelos estudos bíblicos feitos geralmente aos domingos pelas manhãs. Para Alessandro Bicca (2005, p.94), os presos ao se converterem, “a evangelização dos demais detentos constitui-se como a sua principal missão dentro do presídio”. “Ganhar o preso pra Jesus”, na opinião do Pastor “é a principal missão da igreja carcerária”. Outra estratégia de evangelismo da igreja no presídio, é apresentar em seus cultos crentes ex-detento, ex-trafficante ou ex-homicida que tiveram suas vidas impactadas pela igreja interna. O objetivo é - testemunhar a ação de Deus em suas vidas. O pastor, o “homem de Deus”, procura manter o rebanho sempre em ordem, diz que – “é pras ovelhas não se misturarem com os bodes”. A igreja carcerária já promoveu grandes cultos na unidade prisional, um deles afirma o Pastor Lucas, foi

quando “eu levei um irmão, ex-traficante do PCC, que agora é pastor missionário pra pregar pros irmãos lá no presídio, e foi muito impactante, almas se convertera ao Senhor Jesus, e fora salvas”. Os cultos da igreja carcerária além de muito glória a Deus e aleluia, são promovidos com participação dos fiéis. Eles são convidados a fazerem leituras de textos bíblicos, cânticos, e orações em voz alta (estilo pentecostal). Já os detentos não crentes, observam com toda reverência a liturgia, batem palmas, fecham os olhos quando solicitados, e colocam-se de pé com as mãos no coração, sempre ao comando do pastor. Ao termino do culto, para estes, o pastor da igreja carcerária oferece-lhes um convite – “quem quer entregar sua vida para o Senhor Jesus Cristo, o advogado dos advogados?”.

No ano de 2016, a Igreja Carcerária comemorou seu décimo sexto aniversário de fundação. Promoveu a semana do preso de justiça. Houve palestras sobre preservação ambiental, cuidados com higiene bucal, doenças sexualmente transmissíveis e até mesmo incentivos a leitura, um mutirão social com a participação das famílias dos presos. As manifestações de grupos religiosos no cárcere “Fornece ao preso, em suma, a possibilidade de estabelecer laços especiais que o vincule novamente à sociedade e que dê sentido à sua pertença social” (DIAS, 2005, p. 45). Os testemunhos dos fiéis ilustram e exaltam as atividades desenvolvidas na Unidade Prisional pela Igreja Carcerária. Para estes sujeitos, a igreja interna tem atuação divina, principalmente o líder, visto com “profeta do Senhor”, homem que possui um carisma quando está presente no rebanho, faz questão de cumprimenta-los – crentes ou descrentes, busca não só promover assistências religiosas, mas social, como firma este membro de 31 anos que cumpre pena por tráfico de drogas - “Ele [o pastor] dá bom-dia, pergunta como nós tamo de vez enquanto ele traz livro pra nós, bíblia, sabonete, aquelas coisinha que a gente precisa”. Essas ações, fazem com que os crentes se sentem acolhidos, muitos deles até mesmo não recebem assistência familiar. É através da igreja carcerária que recebem atenção, são aconselhados sobre suas vidas, envolve-se de forma direta, principalmente quando são convertidos - “Fui lavado pelo sangue do cordeiro ao aceitar Jesus. Agora sou nova criatura louvado seja Deus. Participo da igreja aqui, faço estudo bíblico com os irmãos, e, o culto aqui é animado mesmo varão. Todos os irmãos participam. Pra nós aqui, a gente ter um líder, uma pessoa religiosa é muito bom mesmo” (FB 2016).

Já para este membro de 54 anos, que cumpre pena por estupro, os trabalhos da igreja na pessoa do pastor Lucas são dignos de honra, principalmente quanto aos equipamentos adquiridos, e pela capacidade da Igreja promover os encontros organizados – “Varão, agora nós temos violão, pandeiro, caixa de som [...] A gente faz o culto bem animado para o Senhor só ele é digno de

louvor. Aqui conheci a palavra de Deus, e tamos indo. Muita gente aqui que nem sabia quem era Deus agora tá sabendo, e como ele pode mudar a situação do homem” (JS 2016).

Outro fiel da igreja, um jovem de 23 anos, que era usuários de drogas dentro do presídio, fora evangelizado e convertido – “Minha mulher quando vinha me visitar sempre me falava pra eu deixar de usar droga, e eu não ligava pra ela. [...] Aí o pastor falou pra mim que minha família está me esperando lá fora e que Deus tem um propósito na nossa vida. Aceitei Jesus como meu salvador, graças a Deus, eu saí dessa vida que só ia me levar pro inferno”. (DM 2016). Isso é consequência do trabalho da igreja em suas reuniões, ela adverte sobre as consequências das drogas na vida do homem, além do forte testemunho de ex-trafficantes e usuários que tiveram suas vidas impactadas pela palavra de Deus. Percebe-se através dos depoimentos dos sujeitos acima a atuação da igreja carcerária. Estes fiéis, ainda que estejam destituídos da sociedade, agora são homens respeitados, convertidos, comprometidos com o evangelismo interno, e sentem-se arrependidos das falhas, são incentivados por suas famílias para permanecerem na igreja carcerária, e a re-praticar princípios morais tradicionais da sociedade como – respeito, amor ao próximo, abandono das drogas, e demais vícios que outrora lhes corrompiam a vida. “O grupo religioso oferece a esse indivíduo a possibilidade de se sentir parte integrante de uma comunidade, de estabelecer laços sociais que o vincule novamente à sociedade e que dê sentido à sua pertença social” (Dias, 2007, p.223). E ainda, na opinião de Clifford Geertz (1998, p.93) o conceito religioso não é apenas metafísico, nos diferentes povos “os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional”. E, para Antônio Carlos a Rosa Silva Junior (2015, p.68) até mesmo o conceito religioso é usado “para tentativas de legitimação do sistema normativo-penal vigente – catalogação dos crimes. Razão disso o crime pode ser entendido, então, como um conceito articulado por um círculo hegemônico aceito socialmente”.

Ide e fazei discípulos em todas as prisões

Uma das maiores satisfações da igreja carcerária, é quando, um ex-detento dá testemunho sobre o que Deus fez em sua vida na cadeia. Homens que tiveram suas vidas marcadas pelo submundo do crime, marginais errantes da sociedade e da própria vida espiritual. Quando libertos, desfrutam do respeito principalmente por demonstrarem para a família e comunidade a mudança radical em suas vidas, são – “homens de Deus”, requisitados pelas denominações evangélicas para atuarem

como obreiros. Para Antônio Carlos da Rosa Silva Junior (2013, p.44) “O preso-pecador, deve se emendar corrigir suas condutas, afim de que retorne recuperado para o convívio social, Aliás o mesmo eufemismo pelo qual o preso é tratado recuperado já traz em si uma voz moral”. Para estes homens, ex-detentos, seus testemunhos os acompanham, e fazem parte do seu cotidiano. E o caso de “boquinha”, como era conhecido no mundo do tráfico, ex-traficante de 28 anos, entrou para tráfico das drogas, cheirava, fumava, vendia, e depois foi parar no presídio. Cumpriu três anos de pena e não dava importância pra igreja carcerária. Lá dentro, usava e comercializava droga. Mais um dia, em um dos cultos da igreja carcerária, “boquinha” não resistiu, entregou sua vida a Jesus – “Foi lá, [no presídio] que eu conheci Jesus. Tomei uma decisão, radical, até mesmo os meus parceiros não acreditavam [...] fui evangelizado através do pastor Lucas, que sempre me deu a maior força. Deus mudou minha vida naquele lugar quando passei a participar da igreja carcerária” (LX 2016). Nos dias atuais, o que prevalece para este sujeito é a família, trabalho que adquiriu, estudos e respeito à vida.

Outro ex-traficante que também teve contato com a igreja carcerária no presídio foi, “burinho”, na época tinha 22 anos, e passou dois anos no presídio. Ao assistir as reuniões da igreja interna ele não resistiu aos sermões do pastor Lucas – “Me entreguei pra Jesus! Deus falava comigo por intermédio das pessoas que iam pregar. Era pra eu abandonar aquela vida [...] E foi o que fiz. Foi a melhor decisão da minha vida. Se eu não tivesse feito isso varão, não sei se ainda estava vivo” (WV 2016). Nos dias atuais, ele é evangelizador da Assembleia de Deus, constituiu família, casa e trabalha por conta própria, possui um pequeno comércio.

A igreja carcerária também teve a honra de evangelizar “Bin Laden”, ex-assassino na época tinha 23 anos, que por muitas vezes causou terror na cidade. Famoso nos noticiários policiais das rádios locais, chegou a liderar uma rebelião no presídio. Cumpriu 6 anos de pena. Em suas palavras – “Jesus me pegou, aí eu aceitei como meu único Senhor. Quando eu não era convertido, eu aprontava lá dentro, o cara não podia nem olhar de cara feia pra mim que eu metia logo a faca [...] aí o pastor Lucas sempre conversava comigo, me aconselhava, foi, foi, foi, até que eu entreguei a minha vida pra Jesus” (AD 2016). Nos dias atuais, é dirigente e evangelista na igreja apostólica aliança com Cristo. Realizou um sonho – casar. Adquiriu família, trabalha de moto-taxi, e pretende fazer um curso superior.

Percebe-se nas palavras acima a influência da Igreja Carcerária na vida dos sujeitos. Para eles, agora vigoram trabalhos, família, filhos, paz, amor, respeito e estudos. Tudo se fez novo, porém, sempre serão ex-detentos.

Finalizando

Portanto, este artigo buscou expor as atividades do movimento religioso no presídio promovido através da igreja Carcerária que atua de forma direta nas assistências internas. O Pastor fundador ex-detento que teve sua vida transformada através do evangelismo na cadeia é um dos protagonistas do movimento. A 16 anos, a unidade prisional de Parintins possui um movimento religioso organizado, que trabalha para “resgatar vidas através do exercício da fé, promover sociabilidade através de reuniões e estudos bíblicos, devolver a sociedade um varão convertido ao Senhor Jesus”. (Estatuto da Igreja Carcerária, 2005). Isso tem conotações positiva. A igreja sempre trabalhou de forma organizada, tendo o total apoio da administração da unidade para as práticas religiosas. Ela não faz distinção de qualquer denominação religiosa, todas são bem-vindas para semear as boas novas do reino de Deus. Além das reuniões, a Igreja trabalha com o intuito de promover assistência sociais que busca através de parcerias com denominações evangélicas - arrecada utensílios de higiene pessoal. Muitos homens que cumpriram pena no presídio de Parintins tiveram a oportunidade de participar da Igreja Carcerária, e mudaram de vida, voltaram para o convívio da sociedade com o apoio da família, e hoje são homens que adquiriram novamente respeito. Há aqueles que inda preso, convertera-se, e atuam de forma direta nas atividades da igreja, adquiriram respeito dentro do cárcere, e mantem viva as esperanças de retorno para a família. Já outros se perderam novamente no submundo do crime.

Não é nossa intenção aqui afirmar que a igreja carcerária é a solução no presídio para os problemas originados pela criminalidade em Parintins. No entanto, ela ajuda o detento a refletir sobre sua condição social espiritual. Com isso, promove esperança para o preso de justiça almejar novas oportunidade de retorno para a sociedade. Todos os meses o aprisco do pastor Lucas recebe diferentes criaturas – mula, cabrito, coioite, avião, ladrão, assassino, estuprador e assaltante. Cabe a ele, a missão de transforma-las em ovelhas.

Referências Bibliográficas

BICCA, Alessandro. “A honra na relação entre detentos crentes e não crentes”. In: **Revista Debates do NER**. Dossiê Religião e prisão. Porto Alegre: UFRGS, ano 6, n. 8, julho/ dezembro de 2005. pp. 87-98.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. “Análise da manutenção da identidade evangélica na prisão a partir de uma perspectiva interacionista, focalizando tensões e ambiguidades”. In: **Ciencias Sociales y Religión**. Porto Alegre: ACSR, ano 9, nº 9, 2007. pp. 217-240

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. LTC, 2008.

LOBO, Edileuza Santana. “Ovelhas aprisionadas, a conversão religiosa e o rebanho do Senhor nas prisões”. In: **Revistas debates do NER**. Dossiê religião e prisão. Porto Alegre: UFRGS, ano 6 n. 8 julho/dezembro de 2005b. pp. 73-85

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5º ed. São Paulo: Loyola, 2005.

OLIVEIRA, Marina Marigo Cardoso de. **A religião nos presídios**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

SILVA JUNIOR, Antônio Carlos da Rosa. “Campo religioso brasileiro prisional”: O lugar das instituições religiosas no contexto de encarceramento”. In: **Anais do XV Simpósio Nacional da ABHR**. Juiz de Fora: ABHR, 2015. pp. 1373-1383.

_____. **Recuperação religiosa de presos, conversão moral e pluralismo religioso na APAC**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Juiz de Fora: UFJF, 2013.